

# A ICONOGRAFIA DO MOVIMENTO SINDICAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA

*Kamilla Dantas Matias*

Graduanda em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

E-mail: dantas45@msn.com

**Palavras-chave:** Iconografia. Movimentos Sociais. Fontes plásticas. Memória visual.

Em 1835, o francês Louis Daguerre inventou o Daguerreotipo, “engenhoca” que fixava imagens por meio de mecanismos que permitiam a captação da luz. Quatro anos depois, o invento foi vendido ao governo francês, o que possibilitou o seu aperfeiçoamento. As câmaras se transformaram e se popularizaram, mas não perderam o seu sentido original - representar a realidade - e adquiriram o status de ser uma “cópia fiel” da realidade.

Desde o seu surgimento e ao longo de sua trajetória, até os nossos dias, a fotografia tem sido aceita e utilizada como prova definitiva, testemunho da verdade do fato ou dos fatos. Graças a sua natureza fisicoquímica e hoje eletrônica de registrar aspectos (selecionados) do real, tal como estes fatos se parecem, a fotografia ganhou elevado status de credibilidade (KOSSOY, 2001, p. 18).

A representação da realidade a partir da imagem fotográfica se transformou em mais um meio de investigação histórica e construção da memória de uma sociedade. Segundo Le Goff (1990),

a fotografia revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo, assim, guardar a memória do tempo e da evolução cronológica (LE GOFF, 1990 p. 460).

Costumes, monumentos, fatos sociais e políticos passaram a ser documentados pela câmara. Estas imagens constituem uma “memória visual de inúmeros fragmentos do mundo, dos seus cenários e personagens, de seus eventos contínuos, de suas transformações ininterruptas” (KOSSOY, 2001 p. 27). Ela, a fotografia, é um documento visual que é ao mesmo tempo revelador de dados e provocador de sentimentos, que pode oferecer uma gama de informações para uma melhor compreensão do passado. Para o sociólogo, crítico literário e

filósofo francês Roland Barthes, as fotografias históricas são de suma importância, pois “a história é histórica: ela só se constitui se a olharmos – e para olhá-la é preciso estar excluído dela” (BARTHES, 1984, p. 98).

Para Le Goff (1990), a palavra ‘documento’ não pode ficar restrita ao documento escrito, mas tomar um aspecto mais amplo, englobando também o documento “ilustrado, transmitido pelo som, a imagem, ou de qualquer outra maneira” (LE GOFF, 1990, p. 99). Os documentos fotográficos têm despertado muito interesse no ambiente acadêmico, nas últimas décadas, devido às possibilidades de investigação que oferecem.

As imagens fotográficas são documentos históricos, passíveis de leituras e interpretações, e se colocam como possibilidade de investigação e descoberta. Cabe ao historiador/pesquisador desmontar e analisar estes documentos com o uso de metodologias adequadas à recuperação de dados e decifração de conteúdos.

A primeira etapa do trabalho do historiador que se propõe ao uso de documentos imagéticos como instrumentos de pesquisa reside na identificação das fontes relativas ao seu objeto de pesquisa. No caso das fotografias, impõe-se levantar informações sobre o contexto da produção fotográfica estudada, sobre os fotógrafos e as tecnologias da época. Em seguida, deve-se identificar a tipologia das fontes imagéticas – originais, impressas – e realizar um estudo técnico e descritivo, fundamental para a etapa posterior de interpretação dos documentos.

A análise do documento deve levar em consideração a existência de dois planos. O primeiro, mais visível, é a realidade exterior, a superfície visual, o conteúdo da imagem, à qual Kossoy (2000) chama a “segunda realidade”. O contexto histórico do tema retratado e a situação da imagem no tempo e no espaço formam o segundo plano, não visível, a realidade interior, a “primeira realidade”:

A imagem fotográfica tem múltiplas faces e realidades. A primeira é a mais evidente, visível. É exatamente o que está ali imóvel no documento (ou na imagem petrificada do espelho), na aparência do referente, isto é, sua *realidade exterior*, o testemunho, o conteúdo da imagem fotográfica (passível de identificação), *a segunda realidade*, [...] As demais faces são aquelas que não podemos ver, permanecem ocultas, invisíveis, não se explicitam, mas que podemos intuir; é o outro lado do espelho e do documento; [...] *a realidade interior* da imagem: a *primeira realidade*. (KOSSOY, 2000, p. 131-132). (Grifo do autor.)

De acordo com Kossoy (2000), a reconstituição mental da trama fotográfica, isto é, a apreciação de seu conteúdo e das circunstâncias em que foi criada, é um exercício quase

intuitivo. A fotografia parece causar uma sensação de “esmagamento do tempo” e, por meio dela é possível realizar um fascinante exercício intelectual de descoberta, como afirma Barthes (1984):

três tempos conturbam minha consciência: meu presente, o tempo de Jesus e o do fotógrafo, tudo isso sob a instância da “realidade” – e não mais através das elaborações do texto, ficcional ou poético, que jamais é crível *até a raiz*. (BARTHES, 1984, p. 144). (Grifo do autor.)

Os documentos imagéticos parecem carregar o mito de serem “sinônimos” da realidade; entretanto, eles são representações estéticas/culturais e não podem ser compreendidos se desvinculadas do seu processo de construção. Desse modo, só é possível a decifração de uma imagem se devolvemos a ela sua *anima*, se reconstituirmos, ainda que por um instante, imaginativamente, aquilo que se foi. Nesta perspectiva, não só os planos do documento fotográfico, como também a própria realidade do observador, ajudam em uma possível interpretação, pois a leitura do documento é efetivada em conformidade com o contexto social, cultural, ideológico que rege o sujeito da interpretação.

Não existem, portanto, interpretações “neutras”. A trama fotográfica se desenrola no sentido de oferecer realidades e ficções ao seu observador. A análise das fontes plásticas fornece ao historiador a possibilidade de reconstituição de um determinado tema do passado, mas a partir de uma sucessão de construções imaginárias. E essa reconstituição sempre implicará em um “processo de criação de realidades”, desenvolvida a partir de imagens mentais dos indivíduos.

As imagens fotográficas, identificadas e analisadas objetiva e sistematicamente, constituem-se em fontes inestimáveis para a recuperação das memórias, tanto individuais como coletivas, dos cenários, dos fatos passados. Contudo, a iconografia fotográfica tem sido pouco utilizada como fonte de informação histórica e, por muitas vezes, negligenciada pelas próprias instituições responsáveis pela produção e guarda deste tipo de documentação:

Paradoxalmente, os documentos fotográficos, apesar de sua legendária superioridade em relação aos registros verbais, ainda hoje frequentemente escapam à malha fina da erudição. Os bibliotecários diligentes preservam minúsculos fragmentos das notas de um escritor, curadores de arte guardam como tesouro até o mais inacabado esboço de um artista; no entanto muitos repositórios culturais contêm preciosas fotografias que jamais foram registradas em inventários (CARNEY apud KOSSOY, 2001, p. 29).

A historiografia das últimas décadas do século XX apontou para uma renovação no estudo de temas subordinados à História social do Trabalho, mediante a adoção de novos métodos e de novas formas de abordagem, a identificação de novas fontes e de novos objetos. Em um texto sobre as perspectivas da historiografia da classe operária no Brasil, Cláudio Batalha (1998, p. 156) chamava a atenção para a “necessidade de empreender uma reavaliação das fontes tradicionais e de ampliar o leque das fontes empregadas” e destacava a importância da iconografia do movimento operário no manancial de fontes ainda por explorar.

É com esta perspectiva, de ampliar o leque de fontes de pesquisa sobre o mundo do trabalho e, ao mesmo tempo, de contribuir para a conservação dessas fontes, que o Laboratório de História Social do Trabalho da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (LHIST/UESB) tem se dedicado ao projeto de recuperação da iconografia dos movimentos sociais na região de Vitória da Conquista. O projeto que tem por objetivos a identificação, digitalização, catalogação e análise da documentação imagética produzida pelos sindicatos e pelo movimento social de Vitória da Conquista na segunda metade do século XX. Aprende-se que essas “novas” fontes fazem parte da memória visual dos sindicatos e do movimento social organizado, mas, também, que a sua observação contribui para a recuperação da história dos movimentos sociais.

Tomados como fontes e objeto de estudo, a fotografia é, ainda, o meio pelo qual os documentos iconográficos são capturados. Através das lentes da câmera, o pesquisador/historiador se transforma em pesquisador/historiador/fotógrafo e atua, de forma ativa, no processo de construção da realidade. Ele seleciona os aspectos do mundo real que deseja retratar, recria a realidade física à sua disposição, por meio da fotografia, e, mais do que um mero observador, atua como um filtro cultural, estético e técnico.

Os documentos iconográficos disponíveis nos arquivos dos sindicatos passam por um processo de seleção prévia. Do conjunto de documentos apresentados pelo sindicato são escolhidos, para compor o acervo digital, inúmeros documentos que, na avaliação do historiador e de sua equipe, se constituem em base importante para a construção da história dos movimentos sociais. Diante da infinidade de fontes passíveis de compor esse acervo destacam-se a ata de fundação, o registro do sindicato, o cadastro de associados, jornais, cartazes e panfletos, e, obviamente, as fotografias.

Uma base de dados é construída a partir da sistematização das informações contidas nos diferentes documentos. Nesta fase de estudo técnico-iconográfico, são levantadas informações sobre a procedência, o estado atual de conservação, a tipologia outros elementos das fontes como assunto, fotógrafo, tecnologia empregada. Situados em um nível técnico

descritivo, esses elementos fornecerão dados objetivos para uma posterior compreensão do documento.

Para o processo de catalogação dos documentos, o pesquisador/historiador/fotógrafo depara-se com problemas de variados tipos: a má conservação dos documentos e a ausência de informações relativas ao seu contexto de produção. Muitos desses documentos se encontram separados de sua série original e, no caso das fotografias, informações importantes, como a identidade dos fotógrafos se perdem. As lacunas demandam do pesquisador um trabalho adicional de investigação, com base em depoimentos orais e cotejamento com outras fontes escritas, sem o qual o processo de interpretação das fontes iconográficas estaria comprometido.

Atualmente, a equipe do Laboratório de História Social do Trabalho tem digitalizada a documentação iconográfica da Associação dos Docentes da Universidade do Sudoeste da Bahia (ADUSB) e trabalha na digitalização dos documentos do Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de Vitória da Conquista. É objetivo do LHIST/UESB a ampliação do trabalho para outros sindicatos e setores organizados do movimento social de Vitória da Conquista, de modo a constituir um corpus documental abrangente que possa dar suporte a uma pluralidade de estudos sobre a história do trabalho e dos movimentos sociais na região sudoeste da Bahia.

## Referências

BARTHES, Roland. *A Câmara Clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BATALHA, C. H. M. A historiografia da classe operária no Brasil: trajetória e tendências. In: FREITAS, M. C. (Org.) *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.

KOSSOY, Boris. *Realidades e Ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

\_\_\_\_\_. *Fotografia e História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LE GOFF, Jaques. *História e Memória*. Campinas: UNICAMP, 1990.